

PEÇA DO BIMESTRE

novembro | dezembro 2012

O FOTÓGRAFO

Ser captado por uma máquina fotográfica há cerca de 100 anos era uma experiência muito diferente dos dias de hoje. Para aqueles cujo rosto era, mesmo que apenas uma vez na vida, retratado, existia o fotógrafo.

Nos primeiros tempos da fotografia, embora existissem ateliers fotográficos nas cidades, este era também um ofício itinerante, que obrigava os fotógrafos a deslocarem-se até aos mais remotos lugares, onde permaneciam alguns dias, por exemplo aquando da feira e/ou festa local. O cenário era montado, por vezes no exterior, com recurso a uma tela, de motivos vários, como pano de fundo e alguns adereços, como uma cadeira ou uma mezinha alta. O fotografado deveria permanecer em pose, imóvel, por algum tempo, dada a sensibilidade das chapas e a duração do processo de captar a imagem.

Em Coruche não existia qualquer casa fotográfica nas primeiras décadas do século XX. Por aqui passavam fotógrafos “em excursão”, que teriam o seu atelier numa povoação de maiores dimensões. À semelhança de outras tantas vilas, também em Coruche, a partir de determinada altura, se fixaram fotógrafos que aqui montam o seu estúdio fotográfico, alguns dos quais perduram por mais do que uma geração. Tiram os retratos em galeria, fazem as reportagens fotográficas, registam numa fração de segundo o instante único e irrepetível de um momento, permitem a construção da memória de cada um e o reviver constante do passado.

Nos dias de hoje, a luz do flash não é desencadeada por uma reação química com magnésio; o fotógrafo não precisa dizer ao cliente “Quietinho, quietinho, já está!...”; o laboratório não é uma câmara escura, onde só é permitida uma luz vermelha; não é necessário submergir o papel fotográfico em vários “banhos” até aparecer a imagem; e não se estendem as fotografias num fio para secar.

Nos dias de hoje, são poucos os que conhecem o cheiro do revelador, mas todos têm uma máquina digital, a maioria integrada no telemóvel, e “disparam” vezes sem conta, banalizando assim o registo e o momento.

No último bimestre de 2012 evocamos o fotógrafo, figura essencial na arte que nos permite, sempre que possível, reviver uma vez mais o passado. As peças pertencem maioritariamente ao Fundo FotoCine, mas também ao espólio do fotógrafo Carlos Brito existente no Museu

1 e 2 - Máquinas fotográficas
3 - Material de laboratório

